

Heróis do Mar (XII)*

Uma vida entregue ao mar

FILIPA DO CARMO
filipadocarmo@aurinegra.com

Alcino Clemente nasceu na Praia de Mira, no seio de uma família de pescadores. Ainda criança descobriu que a sua vida não haveria de ser feita em terra firme, tendo começado cedo na safra marítima. Contra os conselhos do pai, aventurou-se na Faina Maior, empresa dura e difícil, que muito lhe marcou o espírito e a maneira de ser. Reformado há alguns anos, divide os seus dias entre as diversas associações e iniciativas a que decidiu dedicar-se, mantendo-se sempre atento ao que se vai passando na sua Praia.

Nasceu a 12 de Fevereiro de 1951, em tempos difíceis, de muita pobreza e privação, ali mesmo, na Praia de Mira. "Passei aqui toda a minha infância, num palheiro em frente ao mar, encostado à Capela. A minha família era de cá, toda ela ligada ao mar. Como se costuma dizer por aqui, a minha infância foi enterrada até ao peçoço em mar", recorda. As suas primeiras memórias do mar e da vida de pescador, vêm da experiência do seu pai, um homem que Alcino faz questão de mencionar diversas vezes ao longo da nossa conversa, e de quem fala com visível orgulho.

"Ser filho de pescador também não é fácil... era quase como ter pai e não ter. Lembro-me que quando ele tinha que embarcar, andava eu na escola, os 15 dias antes de ele ir para o mar eram terríveis. Passava-os a chorar só de pensar que ele ia embora. Da mesma forma que quando rece-



bíamos o telegrama com a data prevista da chegada, que acabava por nunca ser certa, era uma alegria fantástica. Cantava e assobiava, e toda a gente que me via sabia que o meu pai estava para chegar", partilha o Mestre.

Fala de tempos difíceis, de escassez e fome, apesar de em sua casa nunca ter faltado o pão: "Naquela altura havia muita gente a passar mal, mas graças a Deus nunca tive falta de nada na minha vida. Era dos poucos que tinha uma bola de futebol a sério, das boas. O meu pai estava bem colocado, andava ao bacalhau. A vida era difícil mas como ele já era Mestre de Redes, e era um verdadeiro artista no seu ofício, ganhava melhor que os que andavam aqui na costa", assume. Volta a falar do pai e o orgulho e a admiração com que

o faz sentem-se-lhe na voz.

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

Orgulho e admiração que não impediram que contrariasse o progenitor na hora de optar entre a terra e o mar: "Uma das coisas que o meu pai me pedia era que eu nunca, em tempo algum, pusesse os pés no mar, por saber aquilo que por lá se sofria. Eu fiz totalmente o contrário do que ele me aconselhava. Na minha inocência, e por não querer estudar, quis ver com os meus próprios olhos como era aquela vida", explica. Quis a sorte que fizesse a sua segunda viagem ao bacalhau na companhia do seu pai, depois de uma primeira empresa sozinho.

"O meu pai estava entre a espada e a parede. Não queria, nem podia, favorecer-me, mas partia-lhe o coração ver-me em dificuldades. A minha primeira viagem foi à linha e logo aí eu vi que aquilo era uma vida terrível e como me tinha enganado. Aqueles homens nos doris, mal alimentados... Vi lá pessoas, homens maduros, a chorarem com fome". Faz uma pausa e, por instantes, parecemos ver no seu olhar o bailado das frágeis embarcações por entre ondas ameaçadoras no mar gelado. "Naquele momento pensei como o meu pai tinha razão... mal sabendo que eu próprio acabaria por passar um mau bocado".

O "mau bocado" aconteceu na sua segunda experiência na pesca do bacalhau. Os enjoos foram apenas o início dos problemas de Alcino, para quem o pai olhava, impotente e desconsolado. "Trazia-me uma canja,

pois estávamos no mesmo camarote, e eu sem conseguir controlar o enjoo. Agora imagine o que foi para ele, depois de me ter perdido que não fosse, encontrar-me naquela situação". Os dias foram passando, sempre preenchidos por muito frio e muito trabalho. Começou por ser escalador mas decidiu experimentar as redes, muito por causa do exemplo de família.

"Um dia a rede veio um bocado partida, e eu queria remendá-la. Na minha inocência, tirei as luvas para o fazer, em pleno Inverno, com trinta e tal graus negativos. Deixei de conseguir mexer os dedos, fiquei com as mãos congeladas. Fui para dentro e meti as mãos em cima de uma estufa que lá tínhamos, para secar os fatos. Gritava até mais não, tais eram as dores. Quando olhei para o lado, lá estava o meu pai, a chorar", diz, com a voz entrecortada pela emoção e uma lágrima teimosa a enevoar-lhe o olhar. Deu nove anos da sua vida à pesca do bacalhau, a que se seguiu uma experiência breve ao largo da África do Sul, na safra da pescada.

AMOR E ÓDIO

À segunda lá seguiu o conselho do homem que tanto admira e investiu na sua formação, tendo tirado a carta de Contramestre. Andou junto à costa portuguesa alguns anos até que tomou uma decisão: "Tinha metido na cabeça que havia de orgulhar muito o meu pai e compensar o que ele sofreu. Decidi tirar a Carta de Mestre-Costeiro". Entregaram-lhe, en-

tão, um barco para comandar. "Os primeiros peixes que trouxe nessa condição, umas lulas e uns carapaus, comemos em casa. O meu pai benzeu-se e disse que esperava comer muito mais peixe pescado por mim".

Assume que teve uma mãe-coragem, que foi uma esposa dedicada e uma mulher de armas, que não olhou a meios para "aguentar o barco" em terra, enquanto o seu homem andava ao mar. Mas foi com o seu pai que teve uma ligação especial, mais do que pelos laços de sangue que os uniram, pelo homem exemplar que sempre foi. Reformou-se em 2005, aproveitando para se dedicar "a tudo e mais alguma coisa", brinca. "Estive sempre muito ligado à Câmara de Mira, a apoiar o presidente João Reigota, apesar de nunca ter querido lugares. Estou ligado a muitas Associações locais e ainda por cima gosto de escrever e de cantar o que escrevo. Ainda arranjei tempo para tirar o CAP de formador e dar formação sobre redes e cabos. Estava como peixe na água, a reviver a minha vida".

É com melancolia que olha, por estes dias, o seu companheiro de uma vida, o mar, não escondendo a duplicidade dos sentimentos que o invadem: "Chego a sentir revolta, por aquilo que me fez sofrer, mas ao mesmo tempo agradeço tudo o que me deu. É uma mistura muito forte de sensações, de saudade, amor e ódio".

* Este texto é o décimo segundo de uma série que o AuriNegra está a dedicar aos pescadores de bacalhau

Hoje parei junto ao espelho e reparei em mim,
E pensei o que seria de mim sem ti.
Às vezes com os problemas da vida,
Não dá tempo para parar, nem amar
Nem sequer curtir a beleza que há em ti.
Leva-me todo o tempo este Mar,
Só a chegada é uma beleza sem fim.
Na chegada há beijos e abraços, há carícias
Há noites de amor que muitos queriam ter
Mas esses esquecem-se que para chegar
Há um amargo caminho a percorrer.
E na partida?
Ter de deixar os meus meninos pequeninos,
Deixar de ter nos meus braços a mulher que eu amava
E já lá longe, as ondas do mar
Lavavam-me as lágrimas que chorava.

Mas acreditem,
Eu tenho orgulho em ser pescador.
Até porque foi entre partidas e chegadas,
Que se fez mais forte o nosso amor.

Poema de Mestre Alcino Clemente dedicado à sua mulher